

## Carlos Gomes — o “Tonico de Campinas” - I

20/9/90

Maria Aparecida Leite Bognoni

Não possuindo nenhum recurso literário, mas desejando colaborar com esse jornal e a pedido de Mário Moraes Filho, tenho algo a contar sobre a vida de Carlos Gomes, o nosso “Tonico de Campinas”.

Nos idos de 1957, recebi das mãos do colega de cartório, escrevente, locutor, poeta, escritor e historiador, Jolumá Brito, o livro de sua autoria “Carlos Gomes, o Tonico de Campinas”, prefaciado pelo saudoso causídico dr. Aristides Lemos, do qual consta o seguinte tópico: “João Baptista de Sá até agora tem sido entre os campineiros um homem de talento que sabe escrever e poetar com uma graça toda sua, vincando em tudo uma personalidade própria. Digo isso para quem não mora aqui ou não teve ao menos a felicidade de uma estada na gloriosa terra das andorinhas. Não quero roubar ao leitor o prazer de saborear por si mesmo o sumo literário do livro antecipando o juízo do seu mérito intrínseco sob esse aspecto”. Tive a ventura de prefaciá-lo no original, quando Jolumá Brito conferia a distinção cativante de prefaciá-lo, acrescentando que o fazia ‘em homenagem aos Lemos do Pará, numa espécie de resgate da dívida da gratidão de Campinas aos grandes amigos de Carlos Gomes. Campinas, maio de 1936 - a) Aristides Lemos”.

Dessa obra consagrada e de valor inestimável para mim, destaco alguns trechos coletados cuidadosamente por Jolumá Brito:

Em 11 de julho de 1836, na casinha da rua das Flores, entre um grito de dor de da. Fabiana Maria Jaguary Cardoso (Nha Biana) nasceu aquele que deveria chamar-se Antonio Carlos Gomes, o maior gênio da nossa música, o “Tonico de Campinas”. Foi batizado na Paróquia de N. Senhora da Conceição, pois a igreja do Rosário, apesar de iniciada em 1817, ainda não estava terminada. Foi-lhe despejada na cabeça, pelo padre Anselmo, a sagrada água do Jordão e foram padrinhos Bento da Rocha Camargo e Maria Candelaria, quem o criou após o falecimento misterioso de Nha Biana, que fora assassinada na rua das Flores, uns quinhentos palmos além da casa de Maneco Música, em uma trilha onde passavam escravos e caminhantes. Nada se apurou sobre a morte e, após desconfianças, ficou provado que Maneco Música passara a noite em que ocorreu o crime numa casa de tavolagem jogando cartas. O crime se deu em 26 de julho de 1844 e Toniquinho contava oito anos. Maneco Música já tinha sido casado e legalmente divorciado de da. Maria Inocência — e do segundo casamento com Nha Biana já tinham outro filho, então com 2 anos, Sant’Ana Gomes, apelidado de Juca. Nessa época, já Tonico com oito anos, passava os dias com sua madrinha Maria Candelaria, mas depois das aulas de música em companhia de seu irmão e após o sacrifício de aprendizado de alfaiate, em um amigo de seu pai, que queria ensiná-lo a profissão, saía pelo mato à procura de um pau, para a feitura de uma “violinha” com elásticos tirados de uma velha botina do pai. Em fevereiro de 1846, Tonico, com dez anos, formou uma pequena banda, onde iria tocando “Ferrinho” já que manejava bem acompanhado da Banda Marcial formada por seu progenitor.

Em 26 de março de 1846, Campinas amanheceu engalanada pela chegada de S. M. o Imperador Pedro II, e Maneco Música estava com a sua banda afinadíssima e os instrumentos luziam à luz das velas. Tonico sorria de contentamento e seu peito se encheu quando fixou os olhos na figura de D. Pedro II; e, no outro dia, quando D. Pedro resolveu partir, quase de repente Toniquinho ainda estava absorto com o triângulo pendurado à toa na mão cansada. Cantavam-lhe ainda nos ouvidos as palavras do soberano: Um músico? Com esta idade?

Corria o ano de 1851, Tonico com 15 anos sonhava em ser um grande músico e com a aquiescência do pai, ia nas fazendas vizinhas em companhia do irmão cantar, pois possuía bela voz e tocar suas valsas e mazurcas. Espírito religioso, auxiliava o progenitor na igreja e compôs nesse ano as missas de São Sebastião e da Conceição. E assim, na noite de 16 de abril de 1859, nos salões do hotel da Itália, o elegante público paulistano ouviu uma modinha, recordando o primeiro amor que tivera em sua vida, *Quem sabe?* Música sua e letra de Bitencourt Sampaio: “Tão longe, de mim distante, onde irá teu pensamento? Quisera saber agora, se esqueceste o juramento”. — Mas o desejo dele era ir para o Rio de Janeiro e, um dia com o rosto cor de bronze e o olhar embrasado pediu que lhe mandassem um burro e, “amanhã mesmo estarei em Santos”. Finalmente, em uma quinta-feira, Carlos Gomes encontrou-se com o Imperador que o acolheu com simplicidade e meiguice: Tonico beijou-lhe as mãos murmurando quase inteligivelmente — Senhor, eu sou paulista — Ah! é de Itu? questionou o monarca. Não senhor, sou de Campinas. E que instrumento tocas? Eu não tenho intenção de tocar instrumento, estou aqui porque quero ser compositor. E assim, naquele ano de 1859, o nosso Tonico conseguiu, após dois meses de lutas perenes, matricular-se no Conservatório Musical do Rio de Janeiro. No fim do ano, Francisco Manoel, diante do progresso do novo aluno, chamou-o e ordenou-lhe que escrevesse uma cantata para ser executada na presença de S. Majestade na Escola de Belas Artes. Em 15 de março de 1860, infelizmente, Tonico foi acometido de febre amarela que o atacara fortemente, e estando muito fraco teve que regressar a Campinas. Um ano somente que tinha deixado sua província e já voltava quase glorioso e beijou comovido os irmãos e a sua santa madrastra Nha Chica. Já curado, o nosso Tonico queria escrever uma ópera, e assim em 4 de setembro de 1861, subia à cena no Teatro da Ópera Nacional do Rio de Janeiro, a “Noite no castelo”. O Imperador ofereceu a Carlos Gomes a venerada Ordem da Rosa, cravejada de brilhantes. A sociedade campineira entregou-lhe uma coroa de ouro maciço; as finas diletantes fluminenses, uma batuta de ouro; Francisco Manoel, seu velho e querido mestre, em nome da orquestra do Lyrice, outra batuta de unicorne. Da platéia, das galerias, os gritos que o vitoriavam, mãos que o aplaudiam, almas que se entusiasmavam com a pérola das glórias nacionais!

continua